

A PRESENÇA DO VESTUÁRIO NOS ESTUDOS DA CULTURA MATERIAL¹

Laiana Pereira da Silveira²
Universidade Federal de Pelotas

RESUMO: O artigo busca compreender alguns dos conceitos abarcados discutidos durante a realização do mestrado da autora, especificamente, na disciplina de *Acervos documentais e preservação do patrimônio histórico* dentro do campo de pesquisa da pesquisadora. Com o objetivo de transformar o repertório debatido, em instrumentos que auxiliem no desenvolvimento do estudo. Optou-se por relacionar os conceitos vistos na disciplina com o principal elemento de estudo presente no tema de dissertação da mesma, o vestuário. Entendendo que este campo de estudo abrange uma ampla gama de ramificações, definiu-se por analisar as formas que o vestuário vem sendo apresentado nos estudos da cultura material, e a relação existente entre estas duas áreas do saber através de uma breve pesquisa bibliográfica. Argumentando com base nos conceitos selecionados, a relação do vestuário na construção e evocação de memórias, através da sua materialidade, considerando-a como espaços em potencial às recordações.

PALAVRAS-CHAVE: Vestuário. Cultura material. Espaço de memória.

LA PRESENCIA DE LA ROPA EN LOS ESTUDIOS DE CULTURA MATERIAL

RESUMEN: El artículo busca comprender algunos de los conceptos discutidos durante la realización del máster de autor, en concreto, en la disciplina de *Colecciones Documentales y conservación del patrimonio histórico dentro del campo de investigación del investigador*. Con el objetivo de transformar el repertorio debatido en instrumentos que ayuden en el desarrollo del estudio. Se decidió relacionar los conceptos vistos en la disciplina con el principal elemento de estudio presente en el tema de su tesis, la vestimenta. Entendiendo que este campo de estudio cubre un amplio abanico de ramificaciones, se definió analizar las formas en las que se ha presentado la indumentaria en los estudios de cultura material, y la relación entre estas dos áreas de conocimiento a través de una breve investigación bibliográfica. Argumentando a partir de los conceptos seleccionados, la relación de la indumentaria en la construcción y evocación de los recuerdos, a través de su materialidad, considerándolo como espacios potenciales para los recuerdos.

PALABRAS LLAVE: Ropa. Cultura material. Espacio de recuerdo.

¹ O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural / Instituto de Ciências Humanas / Universidade Federal de Pelotas – Av. Pinheiro Machado 1412 – Tel: (53) 98120-6797 – Email: laianasilveira@gmail.com

A PRESENÇA DO VESTUÁRIO NOS ESTUDOS DA CULTURA MATERIAL

Considerações iniciais

Através deste estudo será possível observar algumas formas já utilizadas na relação da cultura material com o vestuário identificadas pela autora. Analisando a materialidade da roupa uma forma de espaço de recordação, um auxílio à evocação das reminiscências, levando em consideração a proximidade do objeto ao corpo, visto que, a mesma, pode vir a ser pensada como uma extensão dele (MENESES, 1996), ou seja, ao mesmo tempo que vestimos as roupas, elas também nos vestem. Assim como outras categorias da cultura material, o vestuário age sobre nós.

Pela estrutura engendrada através da construção desenvolvida na união dos tecidos, estando em contato direto com o corpo humano, moldando-se a ele, cobrindo-o, inicialmente, pelos três principais motivos do surgimento do vestuário: proteção, pudor e adorno (BARTHES, 2005), e a questão do adorno e do pudor, por exemplo, vão além da materialidade, o adorno traz a questão do simbólico, assim como, o pudor traz questões culturais, éticas, de civilização, entre outros debates que podem ser abordados aqui. Além de cobrir os corpos, o vestuário atua como fenômeno social, que auxilia na interação entre os atores sociais.

A justificativa à escolha da temática a ser abordada é da relevância interdisciplinar, percebendo, portanto, que a pesquisa que relaciona áreas como o vestuário e a cultura material, dando crédito ao vestuário, podem ser significativas no contexto dos estudos que hoje se realizam, contribuindo para que se entenda, inclusive os objetos musealizados nessa categoria vestuário, percebendo que eles são representativos inclusive de outras categorias de objetos, dentre elas, as classes sociais, o gênero, costumes, economia, entre outras esferas ligadas a sociedade.

À realização deste estudo, será utilizado como instrumento metodológico a pesquisa bibliográfica, analisando e relacionando conceitos abordados na disciplina de *Acervos documentais e preservação do patrimônio histórico* a exemplos vinculados ao vestuário. Realizando desde a compreensão dos conceitos basilares para o estudo, como a cultura material e o objeto como extensão de identidade (MENESES), a classificação dos objetos e a intermediação entre o visível e o invisível (POMIAN), a relação entre preservar e descartar os objetos (DOHMANN) e, a relevância existente nas mediações entre sujeito-vestuário e a presença na ausência (STALLYBRASS).

Portanto, para dar seguimento ao estudo, é importante compreendermos tais noções como a de vestuário e cultura material, que serão aqui fundamentais. Entende-se a noção de vestuário estimada pela definição de Nacif (2007), onde:

O vestuário é um conjunto formado pelas peças que compõem o traje e por acessórios que servem para fixá-lo ou complementá-lo. Num sentido amplo do termo, **o vestuário é um fato antropológico quase universal**, uma vez que na maior parte das sociedades humanas antigas e contemporâneas são usadas peças de vestuário e acessórios que ornamentam o corpo humano (NACIF, 2007, p.1, grifo nosso).

Para além da materialidade, estudar um objeto como o vestuário que faz parte integral da vida social da humanidade, é considerar acima de tudo estudar costumes, gostos, tradições, economia, cultura, distinções de classe, gênero, etnia, técnicas, tecnologias, etc., assim como fala o antropólogo Daniel Miller, as “roupas representam diferenças de gênero, mas também de classe, nível de educação, cultura de origem, confiança ou timidez, função ocupacional em contraste com o lazer noturno” (MILLER, 2013, p. 21).

Já à noção de cultura material, serão consideradas a de Dohmann (2013) e de Meneses (1998). Portanto, “para além do seu conteúdo físico exclusivo, a cultura material constitui-se em exposição e fonte de conhecimento sobre a técnica, tecnologia, funcionalidade, estética, suas formas de apropriação e, sobretudo, de uso” (DOHMANN, 2013, p. 36). Complementando Dohmann (2013), Meneses (1998) esclarece que a “expressão cultura material refere-se a todo segmento do universo físico socialmente apropriado” (MENESES, 1998, p. 100).

Compreende-se, portanto, que assim como as definições gerais de cultura material e as relevantes atribuições dadas ao vestuário, ambos são o que Susan Pearce (2005) classifica como: “os objetos incorporam informações únicas sobre a natureza do homem na sociedade” (PEARCE, 2005, p. 13), complementando, “os objetos são importantes para que as pessoas porque atribuem prestígio e posição social” (PEARCE, 2005, p. 19).

O vestuário e a cultura material: reflexões sobre utilidades e significados

O casaco

*Um homem estava anoitecido
Se sentia por dentro um trajo social
Igual se, por fora, usasse por um casaco rasgado
E sujo.
Tentou sair da angústia
Isto ser:
Ele queria jogar o casaco rasgado e sujo no lixo.
Ele queria amanhecer.*

Manoel de Barros

A poesia de autoria do brasileiro Manoel de Barros, traz o homem *anoitecido* e equipara a forma que podemos sentirmo-nos internamente, como um casaco velho, um trapo. Caracterizando os marcadores sociais que o indivíduo carrega, como um trapo social, um casaco sujo e rasgado, uma aparência desprezível, aquela vestimenta simboliza a construção do seu ser, imerso na escuridão e na baixa autoestima, desfazer-se da vestimenta seria desfazer-se do sentimento de angústia. Desfazer-se daquele casaco, seria desfazer-se do peso que ele carrega, através de uma reconstrução dos próprios marcadores sociais, e então o homem poderia seguir aliviado, ou como o autor fala *amanhecer*.

Corroborando com a observação da poesia, entende-se o objeto casaco pela perspectiva de Marcus Dohmann (2013), “o utilitarismo explícito do objeto cede lugar ao reflexo da própria imagem do seu legítimo possuidor, que assim é constantemente motivado a destacar sua existência individual no comportamento coletivo” (DOHMANN, 2013, p. 33), portanto, o utilitarismo do vestuário voltado a proteção de condições climáticas cede espaço à proteção do intelecto do indivíduo, a imagem transmitida dele à sociedade em que está inserida.

Para Diana Crane (2006), “as roupas podem ser vistas como um vasto reservatório de significados, passíveis de ser manipulados ou reconstruídos de forma a acentuar o senso pessoal de influência” (CRANE, 2006, p. 22), logo, através do vestuário pode-se construir, modelar e remodelar os marcadores sociais que carregamos, desde que saibamos utilizar do vestuário para tal feito. Mais do que comunicação, o vestuário nos permite a ação, e desde que o homem e o artefato agem juntos rumo a evolução, é que a materialidade com a intencionalidade de cobrir o corpo se faz presente. Para além das necessidades básicas encontradas na tríade água – comida – abrigo, Dohmann (2013) traz o início da interação indivíduo-vestuário:

Rudimentares coberturas corporais, utensílios e adereços feitos com restos de ossos somados aos registros deixados pelas pinturas rupestres, como testemunho de sua comunicação com as divindades, contam como o homem empreendeu sua migração através dos mais severos climas e tipos de terrenos em sua caminhada pela evolução material (DOHMANN, 2013, p. 31).

Através da migração, das mudanças climáticas, da evolução material, das práticas e técnicas³ realizadas pelo homem, e conseqüentemente, com a necessidade de aprimorar suas coberturas corporais, acarretou-se no surgimento do que era utilizado por agulha. Oferecendo

³ Conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem constrói a sua vida através dos sistemas de objetos (DOHMANN, 2013, p. 32).

assim a oportunidade de melhoria na construção das vestimentas rudimentares. Levando em consideração a forma que ocorreu a evolução, e após a revolução industrial, as ferramentas e técnicas de construção do vestuário tornaram-se diversas e a cada vez aprimoram-se mais (DOHMANN, 2013).

Quanto ao objeto, podemos pensar que na sua origem utilitária, não possui significado algum, nós que atribuímos o significado a ele. O homem cria e destrói o objeto, seu valor e significado - material e imaterial. Tudo é uma questão de perspectiva, da mesma forma que cada indivíduo vive uma memória e registra elementos distintos do registro de outro indivíduo que vivencie o mesmo acontecimento. A valoração do objeto dá-se pelo mesmo caminho, que dependendo da perspectiva de cada um e da bagagem histórica individual, cada indivíduo terá uma relação diferente com tal materialidade.

Pensar na significação⁴ do objeto como algo que pode vir a transcender do material para o imaterial, ou paralelo ao que o autor Pomian (1984) apresenta, o invisível projetado no visível, através do objeto modelado, costurado, bordado, decorado. Por meio do vestuário, temos a possibilidade de entrar em contato com o invisível, com o que está para além da materialidade, em outra esfera e através desta interação, compreender o valor de tal peça. Considerando que para o autor, “todos estes objectos são manipulados e todos exercem ou sofrem modificações físicas, visíveis: consomem-se” (POMIAN, 1984, p. 71), com o vestuário não seria diferente.

O vestuário é uma categoria de objetos, que nos permite observar diariamente a frequência da sua usabilidade, as formas de higienização e conservação. Dentro da ação do uso frequente de uma peça têxtil, deve-se pensar que o tecido ao proteger o corpo, recebe todo e qualquer impacto primeiro, conseqüentemente, ele pode vir a sujar-se, rasgar-se, manchar-se. Quando a peça passa pela higienização, ela está em contato direto com reagentes químicos numa ação de limpeza que gera atrito, ocasionando o aceleração do seu desgaste, entre costuras, agredindo a coloração e os aviamentos ali aplicados.

Devido as intempéries, quando se identifica que uma peça de vestuário possui mais importância do que outra - independentemente de sua classificação, pois pode ser uma camiseta branca, simples aos olhos dos outros, mas que através da mediação do seu portador - entende-se o valor da mesma, acontece dela sair da circulação social, podendo vir a se tornar o que Pomian (1984) classifica como “semióforo”. Pomian (1984) traz em sua definição de objetos semióforos

⁴ Significados não são propriedades inerentes aos objetos, emergindo e modificando-se continuamente, de acordo com as relações travadas durante a existência de cada indivíduo (DOHMANN, 2013, p. 35).

“objectos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura” (POMIAN, 1984, p. 71, grifo do autor).

Enquanto os objetos mantidos em circulação social, são chamados de “coisas”, “os objectos úteis, tais como podem ser consumidos ou servir para obter bens de subsistência, ou transformar matérias brutas de modo a torná-las consumíveis, ou ainda proteger contra as variações do ambiente” (POMIAN, 1984, p. 71), logo, o vestuário enquanto produzido e utilizado de acordo com sua função inicial de pudor, proteção e adorno (BARTHES, 2005), está dentro da classificação de objetos coisas. Acontece também de existirem os objetos híbridos, quando os dois sentidos – úteis e significantes – coexistem, apesar de serem casos mais raros.

Quando refletimos sobre coisa e semióforo, precisamos ter em mente que:

No primeiro caso, é a mão que põe o objecto em relação visível com outros objectos, também eles visíveis, em que este bate, ou toca, ou aflora, ou corta. No segundo, é o olhar prolongado por uma actividade de linguagem tácita ou explícita, que estabelece uma relação invisível entre o objecto e um elemento invisível (POMIAN, 1984, p. 72).

Enquanto uma relação é explicitamente ocorrida através do contato tátil com a materialidade do objeto, a outra é efetivada através do contato indireto. Quanto a atribuição de valor aos objetos, Pomian (1984) compreende que se um objeto está dentro de uma dessas categorias – úteis e significantes – ele pode vir a receber a atribuição de valor de um indivíduo ou um grupo. O portador de uma peça de vestuário, enquanto usufrui dela ou quando a guarda para preservá-la, pode vir a atribuir valor a ela.

Portanto, o vestuário como parte da cultura material, é compreendido nessa esfera de consumo com o que Dohmann (2013) explica, “com uma crescente atribuição de significados, o consumo de objetos da cultura material não se dá somente pelas necessidades naturais, como também pelo fato de constituírem signos de distinção social” (DOHMANN, 2013, p. 35), confirmando a perspectiva de Dohmann (2013), Crane (2006) aponta que “o vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade” (CRANE, 2006, p. 21).

Para Meneses (1996), os objetos são parte da identidade de seus portadores, logo, é possível concluir que o vestuário como parte da cultura material, sendo o objeto mais próximo do corpo humano, além de cobri-lo, protegê-lo, diferenciá-lo no meio social em que está inserido e

auxiliar na construção da identidade, o vestuário faz parte da identidade, através da noção da extensão do eu, identificado como “instrumento de autodefinição e afirmação, de controle e poder” (MENESES, 1996, p. 285). Corroborando com a ideia de Meneses (1996), Svendsen (2010) afirma que “as roupas são uma parte vital da construção social do eu. [...] O vestuário é parte do indivíduo, não algo externo à identidade pessoal (SVENDSEN, 2010, p. 20).

O vestuário como espaço de recordação: entre preservar e descartar

O autor Peter Stallybrass (2016) relata através da sua experiência pessoal, a forma como a interação dele com o vestuário – dotado de significado, porém, ainda utilitário, o que Pomian (1984) classifica como a mistura de coisas e semióforos – aproximava-o de seu melhor amigo Allon, falecido. “Se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia. Ele estava nos vincos do cotovelo [...] estava até nas manchas da barra da jaqueta; estava no cheiro das axilas. Acima de tudo, ele estava no cheiro” (STALLYBRASS, 2016, p. 13), a jaqueta do amigo trazia para além da lembrança⁵, trazia a sensação da presença do amigo já ausente.

Apropriar-se da jaqueta do amigo, vestindo-a foi a forma que o autor encontrou de estar perto de alguém que não está mais no mesmo plano que ele, que não está mais representado por sua materialidade corporal. Stallybrass (2016) ainda complementa “pensar sobre roupa, sobre as roupas, significa pensar sobre a memória [...] a roupa tende, pois, a estar fortemente associada à memória. (STALLYBRASS, 2016, p. 16-17), juntamente aos sentidos do ser humano, como o tato, a visão e o olfato, a interação destes sentidos com o vestuário, auxiliam na evocação de reminiscências. Assmann (2011) defende que “a lembrança sempre exige um gatilho” (ASSMANN, 2011, p. 22), aqui o gatilho de Stallybrass para ir de encontro a quem não está mais no mesmo plano que ele, foi apropriar-se de um objeto vestimentar da pessoa que partiu. Assmann (2011) afirma também que o processo da recordação acontece de forma reconstrutiva, e está sempre sujeita a transformação (ASSMANN, 2011).

Para Dohmann (2013), “cada item reúne informações detalhadas para o entendimento de quem somos, onde estamos e o que fazemos, provocando uma fusão de aspectos emocionais e racionais” (DOHMANN, 2013, p. 34), dito isso, é compreensível que ao utilizarmos uma peça de vestuário pertencente até então a outra pessoa, haja essa fusão emocional e racional através das

⁵ Considerando lembrança aqui como o que foi definido por Aleida Assmann (2011) sobre seu caráter retrospectivo, “acionado somente quando a experiência na qual a lembrança se baseia já estiver consolidada no passado” (ASSMANN, 2011, p. 15).

informações tanto do antigo portador quanto do atual, como o casaco da jaqueta que atualmente pertencia a Stallybrass mas era de seu melhor amigo Allon, e carregava as marcas dele.

Corroborando com a ideia de Stallybrass (2016) aqui apresentada, sobre o uso do vestuário para sentir a presença de seu amigo ausente, sobre apropriar-se do objeto para evocar lembranças, e das sensações que podem ser causadas através da interação entre o indivíduo e o objeto, o autor Marcus Dohmann (2010) fala que:

Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, desde uma fotografia até um simples **adereço corporal**. Os objetos nos conectam com o mundo. Mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos; além de provocar constantemente novas ideias (DOHMANN, 2010, p. 72, grifo nosso).

Portanto, talvez um dos processos mais reflexivos e demorados na relação do indivíduo com seus objetos pessoais, seja a seleção dos objetos que se pretende preservar e conservar, e os objetos que serão descartados, considerando que o descarte⁶ de tais objetos poderá influenciar no esquecimento de reminiscências que antes eram sustentadas por estes objetos específicos. Barcelos (2009) ao falar da seleção e descarte dos próprios objetos pessoais, afirma que “lá estava eu novamente lidando com fragmentos de minha própria história” (BARCELOS, 2009, p. 30).

Antes mesmo de executar a seleção e descarte de seus objetos pessoais devido a uma mudança de moradia, Barcelos (2009) relata sobre a perda de sua mãe, e a noite em que ela estava hospitalizada e ele acabara ficando no apartamento dela. Bisbilhotando o guarda-roupa da mãe, o autor se depara com uma camiseta que havia sido dele a muito tempo atrás, e ainda em 1992 ele havia dado a camiseta a sua mãe. Apesar do bom estado, notava-se marcas de uso. Barcelos (2009) acabou por vestir a camiseta e refletiu sobre aquele momento, inesperado, onde o que unia ele e a mãe – num leito de hospital – era a camiseta (BARCELOS, 2009).

Visto que para Dohmann (2013), “os objetos são os suportes materiais que auxiliam na compreensão do passado e, sobretudo, no estabelecimento das relações com o tempo presente” (DOHMANN, 2013, p. 35), entende-se que para executar o processo de seleção e descarte dos próprios objetos, é preciso encarar o passado novamente, trazendo à tona lembranças que podem ou não ter uma rememoração desejada. Outro fator importante para compreender o ato de lembrar, é entender que a memória e o esquecimento são complementares, pois, para lembrarmos

⁶ Assim como o descarte, “palidez, perda, desvanecimento: esses termos são todos circunscrições de um processo inexorável de esquecimento” (ASSMANN, 2011, p. 18).

precisamos esquecer, Assmann (2011) reitera que a recordação necessita do esquecimento, ela “inclui o esquecimento como parte necessária do processo” (ASSMANN, 2011, p. 23).

Quanto a perda de utilidade de um objeto, Dohmann (2013) aponta que, “quando um objeto não atende a condição de distinguir socialmente o indivíduo que o possui, ele é substituído por outro que desempenhe melhor esse papel” (DOHMANN, 2013, p. 35), considerando que o vestuário pode ser um dos principais objetos para distinguir o indivíduo dentro da sociedade de diversas formas, como foi mencionado anteriormente, este processo de substituir as roupas que vestimos poderá ocorrer frequentemente se pensarmos no vestuário de moda.

De acordo com sazonalidade das roupas e a troca de tendências e atualização de vitrine nas lojas de moda que ocorrem no mínimo quinzenalmente, praticamente, se sairmos com a intenção de comprar algo novo para o nosso guarda-roupa, podemos encontrar um objeto que à primeira vista, nos represente, bem como aponta Dohmann (2013), “o que é contemporâneo hoje poderá transformar-se em antigo ou obsoleto, voltando, em breve, à contemporaneidade (voltar à moda)” (DOHMANN, 2013, p. 37).

Dito isto, compreende-se que a moda como um fenômeno social – e aqui considerando como objeto principal para a formação desse fenômeno social, as roupas –, perpassa entre a dualidade da lembrança e do esquecimento. Para Svendsen (2010) “a moda existe numa interação entre lembrança e esquecimento, em que ela continua lembrando seu passado ao reciclá-lo, mas ao mesmo tempo esquece que ele é exatamente aquilo” (SVENDSEN, 2010, p. 33).

Refletindo a questão do descarte do vestuário, Assmann (2011) ao apropriar-se do conceito de semióforo de Pomian (1984), já visto aqui, aponta que:

O último estágio na vida de alguma coisa não precisa ser necessariamente o lixo, pois este marca tão somente uma fase de desfuncionalização ou inutilização em que o objeto é retirado de um ciclo de utilidade. Após essa neutralização o objeto pode ganhar um novo significado, ou seja, adquire novamente o status de um símbolo carregado de significado. Nesse sentido os resíduos discretos se transformam em um “semióforo”, ou seja, em um símbolo visível de algo invisível e impalpável, como o passado ou a identidade de uma pessoa” (ASSMANN, 2011, p. 26-27, aspas da autora).

Portanto, indo contracorrente do que as tendências de moda ditam à sociedade como necessidade de consumo, através da resignificação de um vestuário que pode não ser mais utilizado de acordo com sua função inicial, é possível identificar práticas culturais que conservem estes objetos após sua inutilização, através dos novos significados que tal objeto pode adquirir, e da

identificação que o portador pode ter por determinadas peças, vistas potencialmente como espaços de recordações.

Considerações finais

Podemos concluir a partir dos conceitos vistos e observações apresentadas, que há muito mais potencial no vestuário do que geralmente imaginamos, além de consumir, usar e descartar, uma peça de vestuário pode vir a possuir valor para seu portador, sendo compreensível que ela saia da sua função utilitária e seja protegida, afim de prolongar seu estado de conservação, tornando-se um objeto semióforo, pois, quanto mais significado uma peça possui, menos utilidade ela terá, como foi visto através dos conceitos utilizados de Pomian (1984).

Somente preservar a materialidade é pouco, é preciso preservar as mediações, o invisível. Selecionar, descartar, preservar os objetos que serão levados adiante e o que será jogado fora, está diretamente ligado a remodelação das nossas memórias e da nossa identidade. Deslocamento do objeto produz a transformação dos seus significados e sentidos, como o casaco de Allon, que ao deslocar-se de um portador para outro, passou a representar Allon na sua ausência. E a ressignificação de um objeto impacta diretamente no controle de aquisição de vestuário desenfreado realizado pelas práticas de consumo da sociedade atual.

Entende-se também que, a materialidade do vestuário pode vir a ser uma mediadora entre um indivíduo ou um grupo de indivíduos e a sociedade ou cultura ao qual o objeto pertence, tornando visível o que até então era invisível. A materialidade do vestuário atua como espaço às recordações de que preserva. Para além da preservação na esfera material, entende-se a importância existente em preservar as histórias que cercam os objetos através das mediações realizadas por seus portadores.

Portanto, quando fazemos uma seleção, estamos experienciando aquilo ali, mas de outra maneira, estamos nos remetendo ao passado, ao acontecimento vivido junto daquele objeto. Quando manuseamos os objetos, o passado passa por nós. Coisas como mediadoras de memórias, de tempos, de lugares, de conexões entre o visível e o invisível. Então o que ele está selecionando são as memórias que serão mantidas. Diante disso, entende-se a relevância do vestuário quando relacionado a campos do saber como o da cultura material e o da memória. Por fim, vale ressaltar que para lembrar precisamos esquecer.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.
- BARCELOS, Artur Henrique Franco Barcelos. De cultura material, memória, perdas e ganhos. **Métis: história & cultura**. v. 8, n. 16, p. 27-42. 2009.
- BARTHES, Roland. **Inéditos, vol. 3**: imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Senac, 2006.
- DOHMANN, Marcus. O objeto e a experiência material. **Arte & Ensaio**. n. 20, p. 70-77. 2010.
- DOHMANN, Marcus. A experiência material: a cultura do objeto. *In*: DOHMANN, Marcus *et al* (org.). **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A psicologia social no campo da cultura material. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 4, p. 283-326. 1996.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**. n. 21, p. 89-103. 1998.
- MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- NACIF, Maria Cristina Volpi. O vestuário como princípio de leitura do mundo. *In*: XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: UNISINOS, 2007. p. 1-10.
- PEARCE, Susan. Pensando sobre os objetos. *In*: **MAST Colloquia**, Museu: instituição de pesquisa. v. 7. Rio de Janeiro, 2005. p. 11-22.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In*: **Enciclopédia Einaudi – Memória-História**: Lisboa, Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984.
- STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupa, memória, dor. 5. ed., rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SVENDSEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Agradecimentos

Deixo meu agradecimento ao Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro, professor ministrante da disciplina que resultou neste artigo. Agradeço pelo espaço em aula para reflexões, por todas as inquietações lançadas durante as discussões, assim como, o incentivo a leitura e a imaginar.